

Fichamento: Experience and Education (1938). John Dewey. Collier Books, 1968

Capítulo 1 - Educação Tradicional vs. Educação Progressista

"A humanidade gosta de pensar em oposições extremas. Ela é dada a formular suas crenças em termos de 8-80, entre os quais não reconhece possibilidades intermediárias".

Com esta afirmação Dewey inicia o capítulo 1, no qual se dedica a diferenciar as características da escola tradicional e da escola progressista, e a defender que uma nova teoria da educação é necessária, e que seja baseada em uma filosofia da experiência.

No presente, essa oposição entre extremos, em relação aos aspectos práticos da educação, toma a forma de contraste entre as escolas tradicional e progressista. A escola tradicional qualifica-se por atribuir à educação a tarefa de transmitir 1) os conhecimentos e habilidades desenvolvidos e acumulados no passado e 2) os padrões e regras de conduta à nova geração, e 3) por adotar um padrão de organização nas instituições escolares: horários, esquemas de classificação, avaliação e promoção, e regras de ordem.

"O propósito ou objetivo principal é preparar os jovens para futuras responsabilidades e para sucesso na vida, por meio da aquisição dos corpos organizados de informação e formas preparadas de habilidades que compreendem o material da instrução".

Nesta escola, os conhecimento e padrões de conduta são transmitidos do passado, de cima para baixo, e a atitude esperadas dos alunos é de docilidade, receptividade e obediência. Os livros-texto são os repositórios da "sabedoria do passado", e os professores são os agentes pelos quais o conhecimento e as habilidades são comunicadas e as regras de conduta são reforçadas.

Como produtos do descontentamento e da crítica à escola tradicional, emergiram o que se conhece como nova educação e escolas progressistas. De acordo com essa crítica, a escola tradicional promove uma imposição brutal de assuntos/conhecimentos e métodos sobre "aqueles que estão apenas crescendo lentamente para a maturidade", o que impede a participação ativa dos alunos no processo de ensino; o conhecimento é concebido como estático.

As escolas progressistas adotam uma filosofia da educação com princípios diferentes: expressão e cultivo da individualidade em oposição à imposição desde cima; atividade livre em oposição à disciplina externa; aprender pela experiência vs aprender de textos e professores; em vez de aquisição de habilidades e técnicas isoladas por meio de exercícios, a sua aquisição como meios para fins que tem "apelo vital direto" (contextualização?); tirar o máximo das oportunidades da vida presente em vez de preparação para um futuro mais ou menos remoto;

Estes princípios por si só são abstratos. "Eles tornam-se concretos somente nas consequências que resultam da sua aplicação". O importante é como estes princípios

serão aplicados à prática educativa. Neste sentido, Dewey alerta para o perigo que novos movimentos correm de, ao rejeitar os objetivos e métodos daquele que criticam e pretendem suplantá-los, desenvolver seus princípios de forma negativa, em vez de positiva e construtivamente. **Para que haja um positivo e correto desenvolvimento de uma nova filosofia da educação, é preciso reconhecer a relação íntima entre os processos reais de educação e de experiência.** Um conceito correto do que é experiência é fundamental.

O autor exemplifica isto com a questão da organização dos conhecimentos em disciplinas. O problema para a educação progressista é: *"qual o papel das disciplinas/matérias e da organização dentro da experiência? Como as disciplinas/matérias funcionam? Há algo na experiência que tende à organização progressiva dos seus conteúdos? O que acontece quando os materiais da experiência não são progressivamente organizados?"*. Assim, não se deveria rejeitar totalmente a organização do conhecimento em disciplinas somente porque a escola tradicional assim o faz, mas *"desejar descobrir o que isso significa e como a organização pode ser alcançada com base na experiência"*.

Igualmente, quando se rejeita a autoridade externa, não se deduz que toda autoridade deve ser rejeitada, mas que *"há uma necessidade de se procurar por uma fonte mais efetiva de autoridade"*.

"Os princípios gerais da nova educação não resolvem por si mesmos nenhum dos problemas reais ou práticos de conduta e administração de escolas progressistas. Em vez disso, eles colocam novos problemas que devem ser trabalhados com base em uma nova filosofia da experiência".

O autor ilustra este problema dizendo que *"muitas escolas novas tendem a fazer pouco ou nenhum caso de matérias e conteúdos curriculares organizados; procedem como se qualquer forma de direção e orientação por adultos fosse uma invasão da liberdade individual; e como se a ideia de que a educação deve se preocupar com o presente e o futuro significasse que o conhecimento/contacto com o passado tem pouco ou nenhum papel a desempenhar na educação."*

Com esta afirmação pode-se visualizar o que significa uma teoria e prática educativa que procede negativamente, em vez de desenvolver positiva e construtivamente propósitos, métodos e disciplinas/conhecimentos, fundamentando-se em uma teoria da experiência e suas potencialidades educativas.

Em suma, o autor destaca a importância da experiência real, concreta e de uma teoria/filosofia da experiência para o desenvolvimento de uma nova filosofia da educação. Uma nova filosofia que é baseada no exame crítico dos seus princípios fundamentais.

"Suponha-se que a nova educação enfatiza a liberdade do aprendiz. Muito bem. Um problema está colocado. O que liberdade significa e quais são as condições sob as quais pode ser realizada?".

*"Admita que a educação tradicional empregou como matérias/conteúdos para estudo fatos e ideias tão amarrados ao passado que pouco ajudam a lidar com as questões do presente e do futuro. Muito bem. Agora temos o problema de descobrir como a conexão que realmente existe, dentro da experiência, entre as realizações do passado e as questões do presente. Temos o problema de averiguar como o contato com o passado pode ser traduzido em potente instrumentalidade para lidar efetivamente com o futuro. Nós podemos rejeitar o conhecimento do passado como o fim da educação e assim somente enfatizar sua importância como um meio. Quando fazemos isto temos um problema que é novo na história da educação: **como podem o jovem tornar-se familiar com o passado de tal maneira que a familiarização é um potente agente na apreciação do presente vivo?**"*

Capítulo 2 - A necessidade de uma Teoria da Experiência

Dewey aborda agora de forma mais direta e com um pouco mais de detalhes a relação entre experiência e educação. Sustentando a necessidade de uma nova filosofia da educação, defende que esta seja baseada em uma filosofia da experiência (empírica e experimental), para fundamentar e guiar a construção de uma nova educação. Para isso, *"precisamos entender o que é a experiência"*.

"Acreditar que a genuína educação acontece através da experiência não significa que todas as experiências são genuinamente ou igualmente educativas."

*"Experiência e educação não podem ser diretamente equivalentes uma a outra. Por exemplo, **algumas experiências são deseducativas. Qualquer experiência que tem o efeito de deter ou distorcer o crescimento de experiência posterior é deseducativa.**"*

Experiências deseducativas geram insensibilidade, resistência, falta de sensibilidade ou responsividade. As possibilidades de experiências mais ricas no futuro são restringidas. *"Uma experiência pode ser imediatamente agradável e ainda assim promover a formação de uma atitude negligente e descuidada; esta atitude então opera para modificar a qualidade de experiências subsequentes de modo a prevenir uma pessoa de tirar delas o que elas tem para oferecer"*. Que exemplos de experiências deseducadoras podemos identificar no contexto escolar?

A educação tradicional oferece vários exemplos de experiências deste tipo. Não podemos dizer, forma alguma, que a sala de aula tradicional é um espaço no qual os estudantes não tem experiências. O que se pode criticar é a qualidade das experiências, *"que são majoritariamente do tipo errado."* Aquelas que tornam os aprendizes insensíveis às ideias; que limitam o poder de julgamento e capacidade de pensar inteligentemente em novas situações; que favorecem a associação entre aprendizagem e tédio; que não associam o aprendizado com as situações da vida fora da escola.

O autor então enfatiza dois fatos: primeiro, que as pessoas nas escolas tradicionais têm experiências; e segundo, que o problema não é a ausência de experiências, mas seu caráter defeituoso, defeituoso do ponto de vista da conexão com

experiência posterior. Assim, o ponto central é a **qualidade da experiência**, que tem 2 aspectos: 1) se é imediatamente agradável ou não, e 2) a sua influência em experiências posteriores, ou seu efeito. O papel da educação e do educador é facilitar experiências que engajam o estudante e promovam futuras experiências desejáveis. "Assim, o problema central de uma educação baseada na experiência é selecionar os tipos de experiências que vivam frutífera e criativamente em experiências subsequentes".

Uma coerente teoria da experiência é necessária para a tentativa de dar nova direção ao trabalho das escolas, que possa positivamente guiar a seleção e organização de materiais e métodos apropriados.

Capítulo 3 - Critério de experiência

A partir da ideia de que uma teoria da experiência é essencial para se conduzir a educação inteligentemente, o autor apresenta neste capítulo alguns princípios para enquadrar esta teoria. Este é um exercício e discussão abstrata, mas que é necessária e fornecerá critérios para serem depois aplicados em questões concretas.

O princípio da continuidade, ou o *continuum* experiencial, já foi mencionado e é central para discriminar entre quais experiências tem valor educativo e quais não tem. Este princípio, Dewey sustenta, baseia-se no ele chama de "hábito": o fato de que "toda experiência modifica quem age e quem experimenta, e esta modificação afeta, queiramos ou não, a qualidade de experiências subsequentes. Porém, para além deste princípio universal, é preciso pensar em termos de *qualidade* da experiência para identificar em qual *direção* o princípio se aplica. O princípio da continuidade pode operar para manter uma pessoa num plano mais de desenvolvimento, como no de uma criança que é constantemente mimada e que terá dificuldades para agir quando enfrentar "situações que requerem esforço e perseverança". Por outro lado, se uma "experiência desperta curiosidade e fortalece a iniciativa" de tal forma que leva a pessoa a superar situações difíceis no futuro, pode se dizer que o princípio da continuidade funciona de uma maneira diferente.

"É o trabalho do educador ver em qual direção uma experiência está indo. Não há razão em ser mais maduro se, em vez de usar seu maior discernimento para ajudar a organizar as condições da experiência dos imaturos, ele desperdiça seu discernimento".

Isto não se deve entender como um direito à imposição externa, **mas conscientizar o educador de sua responsabilidade, de julgar o que conduz ao crescimento e o que prejudica.** "[...] a necessidade destas habilidades da parte do professor ou pai é o que faz um sistema de educação baseado na experiência viva ser um negócio mais difícil de conduzir com sucesso do que é seguir os padrões da educação tradicional".

Outro aspecto deste ponto é que a experiência não ocorre somente no interior da pessoa. Os fatores externos, o contexto, tanto são influenciados e moldados por experiências prévias quanto influenciam a experiência presente. "Ninguém questionaria

que uma criança em um cortiço de favela tem uma experiência diferente daquela de uma criança numa 'casa cultivada'; que o rapaz do campo tem um tipo diferente de experiência do menino da cidade...".

Disto segue outra responsabilidade do educador: reconhecer quais ambientes são conducentes à experiências que levem ao crescimento. *"Sobretudo, eles devem saber como utilizar os ambientes, físicos e sociais, para extrair deles tudo que eles têm para contribuir com a construção de experiências que são valiosas".* Com este entendimento, o ambiente da sala de aula, escola, da comunidade, são muito importantes e influenciam diretamente na aprendizagem.

Cabe ao professor conhecer intimamente *"as condições da comunidade local, físicas, históricas, econômicas, ocupacionais, etc., para utilizá-las como recursos educativos"* (p. 40). Este "imposto" sobre o educador é outra razão da educação progressista ser mais difícil que a tradicional.

O segundo princípio central para interpretar a qualidade de uma experiência, se é ou não educativa, é a **interação**. Interação entre os dois aspectos da experiência, os fatores internos e externos ao indivíduo. Juntos, em sua interação, formam o que Dewey chama de **situação**. A educação tradicional, segundo o autor, negligencia os fatores internos que moldam a experiência, violando o princípio da interação por um lado.

Os conceitos de situação e interação são centrais no entendimento da experiência. *"Uma experiência sempre é o que é por causa de uma transação acontecendo entre um indivíduo e o que, no momento, constitui seu ambiente."*

Os dois princípios, continuidade e interação, proveem a medida da significância e valor educativo de uma experiência. O que precisamos, como educadores, é considerar a situação em que a interação ocorre. Nesta situação, um fator é o indivíduo como ele é naquele momento; o outro fator são as condições objetivas, e estas podem ser reguladas pelo educador. Condições objetivas incluem desde a postura e tom de voz do professor, até os livros, equipamentos, brinquedos, todo o contexto social no qual as pessoas estão engajadas. O objetivo de regular as condições objetivas é torná-las mais conducentes a uma experiência valiosa e à aprendizagem. Junto com essa responsabilidade de preparar o ambiente, há a responsabilidade de conhecer e entender, na medida do possível, os indivíduos, suas necessidades e capacidades.

Do princípio da continuidade, decorre a importância de tomar em conta o futuro em cada etapa do processo educativo. Isto é, como a presente experiência educativo influenciará a qualidade de experiências futuras? Dewey aborda o problema de se pensar em "preparação", o qual aponta como ideia traiçoeira. A simples aquisição de conhecimentos específicos de aritmética, por exemplo, não garante que eles serão mobilizados e aproveitados em experiências futuras, em contextos diferentes daquele que foram adquiridos. Ainda, que o autor não utilize o termo, vem à tona o princípio da contextualização. O problema, Dewey afirma, é que a matéria/conteúdo foi apreendido em isolamento, *"desconectado do resto da experiência que não está disponível sob as atuais condições da vida."*

Outro ponto negligenciado é a *aprendizagem colateral*. Aquilo que não é o objeto principal de estudo, mas que também se aprende: atitudes que perduram, gostos ou desgostos, e o próprio ímpeto de continuar aprendendo. A crítica aqui é feita à

prática da escola de ensinar visando à uma suposta preparação para o futuro, mas que não prepara para além do exame de avaliação, e ignora a aprendizagem colateral.

"Que proveito é ganhar quantidades prescritas de informação sobre geografia e história, ganhar habilidade de ler e escrever, se no processo o indivíduo perde sua própria alma: perde sua apreciação das coisas de valor, dos valores com os quais estas coisas se relacionam; se perde seu desejo de aplicar o que aprendeu e, sobretudo, perde a habilidade de extrair sentido das suas experiências futuras enquanto elas ocorrem?"

Ele então pergunta: *"Qual é o verdadeiro significado de preparação no esquema educacional?"*. E responde: *"Primeiramente, significa que uma pessoa, jovem ou velha, tira da presente experiência tudo que há nela para si no tempo em que a experimenta."* É fundamental extrair da experiência presente seu completo significado, somente assim acontece a preparação para realizar esta mesma coisa no futuro.

Capítulo 4 - Controle Social

Até o momento o autor desenvolveu a ideia de que a maneira correta de desenvolver uma filosofia da educação positiva e apropriada aos desafios do mundo contemporâneo é baseá-la na experiência e em uma teoria da experiência. Esta filosofia da educação, então, poderá guiar os planos, programas e a vida escolar. Uma filosofia da experiência pode contribuir para o entendimento do que é experiência, e para discernir entre quais experiência são educativas e quais são deseducativas.

Após longa exposição sobre a proposta filosofia da experiência e conceitos mais abstratos, o autor agora dedica-se a discutir uma questão educacional mais concreta: a oposição entre liberdade individual e controle social. Para Dewey, na maioria das situações, o controle social vem de regras estabelecidas coletivamente e com o propósito de direcionar a atividade da qual os sujeitos participam. Os jogos e os esportes são bons exemplos. A autoridade, então, viria do grupo, e seu exercício tem como propósito o bem comum. Quando uma autoridade pessoal, como um professor, precisa intervir, é tão somente como um representante do grupo para restabelecer a ordem que pode ter sido interrompida, e não como uma manifestação de um desejo pessoal da autoridade. Ele diferencia assim a ação arbitrária (autoridade baseada em desejo pessoal) da ação justa (quando a autoridade é exercida em favor do interesse do grupo). Na escola, Dewey afirma, até mesmo as crianças conseguem discernir entre estes dois tipos de ação.

Na escola tradicional, a sensação de autoritarismo ou arbitrariedade por parte do professor, decorre de condições que são também forçadas sobre ele, favorecendo seu comportamento. O ambiente social da escola não está colocado de forma que as condições ideais para o controle social possa acontecer. Então, por causa da falta de integração e participação dos sujeitos no coletivo, o professor é obrigado a intervir para manter a ordem. Neste caso ordem está ligada diretamente a autoridade do docente, em vez de residir na ideia de compartilhamento do trabalho e no bem comum.

Em contraste, nas escolas novas, a fonte do controle social reside no próprio trabalho coletivo e sentimento de responsabilidade compartilhada, num espaço em que todos têm oportunidade de contribuir. Para que isso aconteça, é preciso planejamento e organização. **O educador tem um papel central aqui:** ele é responsável por conhecer os indivíduos, e por conhecer a matéria, o que permite que as atividades sejam selecionadas e que facilitem ou possibilitem uma organização coletiva em que todos tenham oportunidade de contribuir. Então, a partir dessa participação coletiva, surge o controle social.

Isto, porém, é uma generalização. Na escola, existem casos excepcionais, como alunos são passivos e não participam, bem como rebeldes. Não há uma regra geral para lidar com estes casos, e o educador deve tratá-los individualmente. O educador deve descobrir quais as causas destas atitudes; não pode, porém, permitir que permanentemente estes prejudiquem as atividades educativas do coletivo. Nos casos em que há perda de controle sobre a classe, não é devido a estas exceções, mas **devido à falta de planejamento e organização das atividades nas quais os alunos devem se engajar**. Uma razão para a ausência de planejamento é a crença de que planejar com antecedência é desnecessário e pode ser hostil à liberdade individual dos aprendizes. O professor, então, conhecendo as necessidades e capacidades dos indivíduos, pode pensar nas condições necessárias e organizá-las de forma que satisfaçam e permitam atender as necessidades e desenvolver as capacidades. Deve-se também ter flexibilidade e certo espaço para espontaneidade e para expressão das individualidades.

O professor deve também ser visto como um membro do grupo, com mais maturidade e experiência. Ele também tem sua liberdade para contribuir com o grupo, e guiar o processo de aprendizagem. Esta concepção é diferente da que coloca o professor como alguém externo à classe de alunos. Todos formam um grupo social e têm sua cota de participação. Quando a educação é vista como processo social, o professor não é mais um ditador ou chefe externo, mas o líder das atividades do grupo.

Por fim, o autor chama atenção para as convenções que existem nas relações sociais, como as boas maneiras e a cordialidade. E afirma que são ingredientes importantes para o convívio, servindo como *“um óleo que previne ou reduz os atritos”*. Ainda que não devem ser meras formalidades, não devem ser rejeitados completamente na escola.

Capítulo 5 – Natureza da liberdade

A natureza da liberdade é o outro lado desta moeda. Para Dewey, a única liberdade que é de suma importância é a liberdade de inteligência: liberdade para observação e julgamento exercidos para propósitos intrinsecamente válidos. Apesar de não ser a mais importante no ambiente escolar, a liberdade física ou de movimento tem ligação direta com a liberdade de inteligência (liberdade intelectual) e não pode ser separada dela. *“Este lado externo e físico da atividade não pode ser separado do lado interno da atividade; da liberdade de pensamento, desejo e propósito”*. Nas escolas tradicionais, a limitação física é comum, com a rígida organização das salas, que remete à disciplina militar, coloca uma restrição grande sobre a liberdade intelectual e moral.

Estas restrições devem ser abandonadas se deseja-se o crescimento genuíno dos estudantes.

Entretanto, a liberdade física não pode ser vista como um fim em si mesma. Ela é um meio para a liberdade intelectual. Dewey pergunta, então, quais ganhos advém de uma maior liberdade física. **A primeira vantagem** é que uma maior liberdade exterior permite que o professor conheça melhor os indivíduos, suas naturezas, o que é dificultado se o movimento de todos é restringido e uniformizado. Uma consequência negativa é que a restrição de liberdade externa pode conduzir os alunos a estados de passividade, prejudicando a iniciativa e a participação. **Outra vantagem está na própria natureza do processo de aprendizagem.** A liberdade de movimento pode ser um meio de manter a saúde mental e física, e uma forma de melhor levar a cabo e exercer a liberdade intelectual, de dar um precioso dinamismo ao ambiente escolar.

Por fim, aceitar um aumento na liberdade de movimento é uma oportunidade para favorecer o desenvolvimento do autocontrole, uma capacidade importantíssima. A liberdade externa, então, é vista como um meio que favorece a própria liberdade intelectual e também pode contribuir para desenvolver virtudes como o autocontrole. Não se quer com o aumento da liberdade externa que os indivíduos se tornem objetos da autoridade de seus próprios caprichos e impulsos, o professor precisa estar atento a isso. Deve haver um equilíbrio, entre tempos livres para movimentação, e período de reflexão e foco na atividade intelectual.

Capítulo 6 - O significado de propósito

Neste capítulo o autor discorre sobre o significado e a importância dos propósitos no processo educativo. A liberdade tem relação com o poder de definir e buscar a realização de propósitos. Para Dewey, o ponto principal da educação progressiva é a ênfase na importância da participação do aluno na definição dos propósitos que direcionam suas atividades.

Um propósito é diferente de um impulso ou desejo. Ele se forma a partir deles, mas é precedido de observação, pensamento e planejamento, para que então possa ser realizado. Isto requer esforço intelectual, cuidadosa observação e discernimento sobre as condições necessárias à realização. Por isso, na educação deve-se incentivar a liberdade e a iniciativa para formular e perseguir propósitos, e não simplesmente atender a impulsos e desejos.

O autor ressalta a importância do papel do professor na orientação do estudante visando à realização do seu propósito. Esta orientação e sugestões dadas pelo docente não restringem a liberdade do aprendiz, ao contrário, são ferramentas para promovê-la. Os educadores não devem ter receio de orientar ou dar sugestões aos membros de grupos, por exemplo. *"Como a liberdade reside nas operações de observação inteligente e julgamento pelas quais um propósito é desenvolvido, orientação dada pelo professor ao exercício da inteligência dos pupilos é um ajuda à liberdade, não uma restrição a ela."*

Esta compreensão pode ajudar os docentes a se colocarem melhor durante a aplicação de metodologias que promovem trabalho em grupos, conscientizando-se do seu importante papel de orientador e auxiliador na realização dos propósitos definidos.

Capítulo 7 - Organização progressiva das matérias e conteúdos

Dentre as condições objetivas envolvidas na experiência e que influenciam na sua qualidade, isto é, promovendo ou não a melhoria das condições para as próximas experiências, as matérias e conteúdos curriculares são importantíssimos. E sobre eles Dewey discute neste capítulo.

Especificamente, o autor trata da questão de como organizar progressivamente os conhecimentos e conteúdos necessários à vida em matérias, disciplinas, porém de forma pautada na experiência, na prática. Assim, os conteúdos e conhecimentos são apresentados/explorados pelos estudantes na medida que sua experiência de vida cresce, atendendo ao princípio da continuidade da experiência educativa.

Aqui fica claro a ideia de construtivismo do conhecimento e sua relação direta com as experiências de vida dos sujeitos. É importante que as atividades educativas conectem-se com os conhecimentos e experiências prévias dos alunos.

"Torna-se o ofício do educador selecionar aquelas coisas dentro do alcance da experiência presente que têm a promessa e potencialidade de apresentar novos problemas que, por estimular novos modos de observação e julgamento, vão expandir a área de experiência posterior."

"Conectividade no crescimento deve ser seu lema constante. O educador mais do que o membro de qualquer outra profissão está interessado em ter um longo olhar à frente." Para além da próxima prova, exame, exigências imediatas do sistema escolar, como os vestibulares.

"A saída dos sistemas escolares que fizeram o passado um fim em si mesmo é tomar conhecimento do passado como um meio de entender o presente."

"A seleção e organização das matérias e conteúdos é fundamental para o estudo e aprendizagem."

A improvisação e as ocasiões não previstas devem ser aproveitadas, mas não devem ser o material chave para a aprendizagem.

PBL: *"Que as condições achadas na experiência presente deveriam ser usadas como fontes de problemas é uma característica que diferencia a **educação baseada na experiência** da educação tradicional."*

(Experience Based Learning).

O crescimento depende da superação de obstáculos através do exercício da inteligência: "*Crescimento depende da presença da dificuldade a ser superada pelo exercício da inteligência*".

"O processo é um espiral contínuo" (p. 79).

O problema deve surgir das condições da experiência do presente e estimular o aprendiz à uma busca ativa por novas informações e à produção de novas ideias.

A contextualização das suas aplicações na vida cotidiana é um princípio para a introdução às matérias científicas, seus fatos e leis. ECTSA. Influência da ciência no sistema econômico atual. Entendimento dos problemas "econômicos e industriais" da sociedade contemporânea.

Ciência-> Produção e distribuição de mercadorias e serviços-> Relações sociais

Todo conhecimento, mesmo os processos que ocorrem nos laboratórios e institutos de pesquisa, fazem parte da experiência cotidiana e estão no escopo da educação baseada na experiência. Compreender a ciência é fundamental para entender a realidade social e ter capacidade de transformá-la. Uma ordem social melhor é possível.

Ilustrando o uso de materiais da experiência cotidiana do aprendiz para a educação: "*A utilização de conteúdos encontrados na experiência cotidiana do aprendiz em direção à ciência é talvez a melhor ilustração que pode ser encontrada do princípio básico de usar experiências existentes como meios de conduzir os aprendizes a um mundo circundante mais amplo, mais refinado e melhor organizado, físico e humano, do que é encontrado nas experiências das quais o crescimento educativo parte.*"

Outro princípio é que o conteúdo organizado pelos adultos ou especialistas não devem ser o ponto de partida do ensino, mas um objetivo a ser perseguido. De acordo com este princípio, ao se introduzir a questão da taxonomia ou organização dos seres vivos, não seria prudente iniciar demonstrando o sistema atual de classificação das espécies por meio de filogenia.

Capítulo 8 - Experiência - O significado e a meta da educação

No capítulo final Dewey reafirma o princípio de que para cumprir seu objetivo a educação deve ser baseada na experiência. Ele salienta que este caminho é mais difícil que o tradicional, e que o maior perigo é pensar que é um caminho fácil e que pode ser improvisado.

Também é destacado o fato de que nesta obra ele não procurou afirmar a educação "progressista" ou "nova" sobre a tradicional, mas essencialmente definir **o que é educação, pura e simples**. A própria natureza da educação. O que então é a educação e quais condições são necessárias para que a educação seja uma realidade e não um slogan? Esta é a pergunta que precisa ser respondida e a qual o autor procurou abordar. Por isso ele enfatizou a importância de uma filosofia da experiência.

